

ARTIGO PARA ENZYKLOPADIE DES MARCHENS

vide entrada “TRANCOSO, Gonçalo Fernandes” in *Enzyklopadie des Marchens*,
Friedlander Weg 2, 37085 Göttingen, Deutschland, 2nd fasc., vol. XIII, summer 09,
ISBN 978-3-11-022154-1, pp. 855-857.

De seu nome **Gonçalo Fernandes Trancoso**, pouco se sabe sobre o autor das três partes da difundida obra *Contos & Histórias de Proveito & Exemplo* [CHPE], uma das colectâneas de contos mais lida nos finais do século XVI e ao longo dos séculos XVII e XVIII, e que sobreviveu até aos nossos dias¹. A maioria das hipóteses formuladas sobre a biografia do autor, tão diminutamente conhecida, foi deduzida a partir de elementos textuais ou paratextuais das várias edições desta obra. Dada a ausência de documentação, a data de nascimento e da morte de Gonçalo Trancoso pode apenas calcular-se em função de informações fornecidas no prólogo-dedicatória dos CHPE, dirigido a D. Catarina, datado do terrível ano da peste de 1569, onde se diz que: *perdi no terrestre naufragio filha de XXIII annos, que em amor, & obras me era mãe, Filho estudante, Neto moço do choro da See. E para mais minha lastima perdi a mulher*. Infere-se da idade da filha, morta durante esse ano, o período provável entre 1515 e 1520 durante o qual se deve ter dado o nascimento de Trancoso. Quanto à morte, os Privilégios atribuídos a partir de 1585 ao filho Afonso Fernandes Trancoso indiciam com bastante probabilidade que o pai falecera entretanto. Sabe-se que vivia em Lisboa, pelo menos durante o tempo em que redigiu os contos, e a hipótese de que tivesse sido mestre de meninos e calígrafo foi formulada a partir do conto XIX da 1.^a Parte, onde se apresenta a carta de resposta a uma senhora que lhe tinha pedido um abecedário — *feito de minha mão* — para aprender a ler. O facto de muitas histórias se centrarem no campo jurídico e mostrarem um certo conhecimento desses assuntos, deu azo a que se defendesse a tese de que Trancoso teria alguma relação profissional com este tipo de matéria. O interesse demonstrado por assuntos religiosos fez também que se pensasse nele como um homem do clero. Pelo contrário, na

¹ Seguem-se as indicações das 3 edições mais antigas e da mais recente de cada uma das três partes de CHPE: 1575: *Contos & Histórias de Proveito & Exemplo*. Parte primeira. Lisboa. António Gonçalves; 1576 (?): *Segunda Parte dos Contos, & histórias de proveito & exemplo*. Dirigido á Rainha nossa senhora. Impresso em Lixboa em casa de António Gonçalves impressor. Com licença & autoridade dos illustrissimos & reverendissimos Senhores do conselho da Sancta & geral Inquisiçam. Com privilegio Real; 1595: *Primeira, Segunda, e Terceira Parte dos Contos e Histórias de Proveito & Exemplo*. Dirigidos a Rainha Nossa Senhora, Em casa de Simão Lopez, Lisboa; NOBRE, C. (2003) ed. e prefácio de *Contos e Histórias de Proveito e Exemplo*, col. Obras Clássicas da Literatura Portuguesa, séc. XVI, n.º 129, IPLB, ed. Magno, Leiria.

opinião de Saraiva e Lopes (1978: 565-6)², a simplicidade da escrita de Trancoso e uma certa ingenuidade realista de alguns pormenores denotariam uma cultura popular, com poucos ou nenhuns estudos humanistas. Em conclusão, vários foram os estudiosos que se debruçaram sobre a biografia deste autor sem conseguirem adiantar muito para além dos poucos dados aqui mencionados. João Palma-Ferreira, o responsável por uma das mais recentes reedições de CHPE, reuniu praticamente todas as informações dispersas sobre Trancoso no informativo "Prefácio" (1974: XI-LXXXV), informações depois acrescentadas na colectânea de ensaios *Obscuros e Marginados* (1980: 29-83). Os dados reunidos foram por fim burilados com algumas minudências sobre a génese da obra na "Introdução" à edição *fac-similada* de CHPE, que reproduz a impressão de 1575, provavelmente não a 1.^a ed. da obra, mas a mais antiga conhecida até ao presente momento (1982: VII-XII)³.

Quanto à história da génese de CHPE, aproveitando as informações acessíveis a partir de 1982, com a reprodução *fac-similada* da ed. de 1575, as certezas podem resumir-se em breves linhas: a 1.^a Parte foi publicada separadamente, por volta de 1570, tendo sido escrita antes de 1569, embora a ed. de 1575 constitua a primeira conhecida dos CHPE, sendo aquela em que devemos confiar e que devemos consultar sempre que pretendemos fazer colação de textos (até porque provavelmente é também a última realizada em vida do autor); a 2.^a Parte estaria praticamente pronta para impressão, pela mesma altura, mas, por alguma razão, só seria impressa em 1575; a 3.^a Parte tinha sido iniciada em 1569, mas será terminada posteriormente, e a primeira edição que se recensou até ao momento com esta 3.^a Parte é a de 1595 (de que se conhece um único exemplar na Biblioteca Pública de Évora), tendo as edições posteriores passado a incluir sempre as três Partes dos Contos. Aos olhos de um leitor do século XXI, por mais distanciado que se encontre de obras como esta, os CHPE trazem a marca de um género agarrada à sua letra primeira. A designação que Trancoso transmite no *Prologo A Rainha Nossa Senhora — cōtos de aventuras, historias de proveito & exemplo, cõ alg~us ditos de pessoas prudentes & graves* — continua a vincular o livro a uma tradição literária da qual os géneros, enquanto tipos de discursos diferenciados, fazem parte. A filiação do *exemplum* a escritos de carácter religioso transformava esta forma tradicional no tipo ideal para a transmissão de modelos, de regras de justiça ou de normas de moralidade, a que o leitor se devia submeter, ao mesmo tempo que caucionava uma conduta adoptada. Assim, o

² SARAIVA, A. J. & LOPES, O. (1978), *História da Literatura Portuguesa*, Porto, Porto ed, 10.^a ed. act.

³ PALMA-FERREIRA, J. (1974), Prefácio, leitura de texto, glossário e notas a *Contos e Histórias de Proveito e Exemplo (texto integral conforme edição de Lisboa de 1624)*, Lisboa, IN-CM; (1980), *Obscuros e Marginados. Estudos de Cultura Portuguesa*, Lisboa, IN-CM; (1982) *Introdução a Contos & Histórias de Proveito & Exemplo. Edição fac-similada da impressão de 1575*, Lisboa, Biblioteca nacional.

predomínio de exemplos explicaria em parte o porquê do sucesso dos CHPE na sua época e em épocas posteriores. As narrativas continuavam vivas porque propunham modelos em que o leitor se reconhecia ou que almejava alcançar, porque ficcionavam mundos semelhantes aos do leitor e lhe proporcionavam o prazer da identificação, porque exigiam a participação do leitor, num convite que se sentia seguro para aceitar pois dominava as regras daquele jogo ficcional. Se a exemplaridade dos CHPE é conseguida através da inclusão numa tradição dos géneros, numa relação intertextual com outros textos pertencentes à mesma tradição e por um efeito realista de leitura, não devemos esquecer o papel do autor na construção de um universo narrativo que se pretende proveitoso para o leitor. Para a concepção medieval e renascentista de autoria, o autor é ainda um compilador que reúne uma série de elementos, submetendo-os a uma determinada unidade consagrada pela Tradição, seleccionando-os com a sua autoridade reveladora do conhecimento e organização pessoal dos materiais tradicionais. Nas várias edições dos CHPE, o cunho e a identificação autoral de Trancoso é sempre feita, daí que a atribuição de autoria nunca tenha sido questionada, embora alguns estudos da crítica de fontes insinuem que, para alguns contos, seria mais fiável falar de adaptação do que de criação. Mas, mesmo nos casos em que a criação é uma simples adaptação, a presença de uma instância narrativa específica distingue estes textos dos textos das fontes mais próximas. Para o leitor de quinhentos as vias da recepção não conheceriam certamente muitas variantes. O narrador dos CHPE estava seguramente dentro dos horizontes de expectativa do leitor médio. Mas o leitor do século XXI encontrará um narrador obstinado pelos seus pruridos moralistas ultrapassados e pela carga fortemente ortodoxa e religiosa de toda a obra. Do leitor dos nossos dias ao leitor da época desenha-se a mancha de um fosso cavado pela distância histórico-cultural. Resta saber se a nostalgia do lugar hegemónico da arte literária não é o resíduo da perda desta ingénua autoridade do contar de um narrador que pretende ser o único crítico de si mesmo. Hoje, a verdade dos *Contos & Histórias de Proveito & Exemplo* não é anacrónica por ser, acima de tudo, a Verdade da efabulação, um confronto renovado com a capacidade do ser humano contar / ouvir / ler histórias, mesmo as que nos mostram mundos irremediavelmente perdidos. A verdade de CHPE será a leitura possível que o leitor do século XXI dela quiser fazer.

Cristina Maria Alexandre Nobre, PHD
R. Dr. Nicolau Bettencourt, n.º 49
2430-496 S. Pedro de Moel | PORTUGAL
Tel. +351244599115 / Tem. +351918732801
ESSE/IPL Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Leiria
mail: cnobre@esel.ipleiria.pt